

O IMAGINÁRIO SOBRE A AMAZÔNIA NA OBRA “A DESCOBERTA DO GRANDE, BELO E RICO IMPÉRIO DA GUIANA”

Francilene Virgolino de Azevedo

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: francilenevedo@hotmail.com

Helio Rocha

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: heliorocha@unir.br

RESUMO: Neste texto pretende-se investigar como o componente maravilhoso foi aplicado ao contexto dos relatos de viagem pela região que passou a ser conhecida como “Amazônia”. Com a (des)coberta do “Novo Mundo”, elementos da cultura medieval foram impressos nas novas terras desconhecidas pelos europeus formando um emaranhado de histórias. Assim como outras partes do continente, a região amazônica recebeu uma leva de viajantes, e estes, ao penetrarem na floresta, traziam um imaginário maravilhoso de representações, as quais foram transpostas para a realidade da floresta através das crônicas dos viajantes. O *corpus* tomado para a análise será alguns recortes da obra *A descoberta do Grande, Belo e Rico Império da Guiana*, um relato de viagem sobre a expedição realizada por Walter Raleigh à lendária cidade dourada de Manoa. A tradução do relato é de Hélio Rocha. Para a realização da investigação o aporte teórico teve como base Chiampi (2015), Gucci (1992) e Todorov (1993).

Palavras-chave: Amazônia. Guiana. Maravilhoso. Walter Raleigh.

THE IMAGINARY ABOUT THE AMAZON IN THE WORK “DISCOVERING THE GREAT, BEAUTIFUL AND RICH EMPIRE IN GUYANA”

ABSTRACT: In this text, we intend to investigate how the wonderful component was applied to the context of travel writings in the Amazon. With the discovery of the “New World”, elements of medieval culture were printed in the new lands unknown to Europeans, forming a tangle of stories. Like other parts of the continent, the Amazon region received a wave of travelers, and these, when they entered the Amazon forest, brought a wonderful imagery of representations, which were transposed to the reality of the forest through chronicles of travel stories. The bibliographic analysis will be based on the work *The Discovery of the Great, Beautiful and Rich Empire of Guyana*, a travel account of Walter Raleigh's expedition to the legendary golden city of Manoa. The work was translated by Hélio Rocha. To carry out the investigation, the theoretical contribution was based on Chiampi (2015), Gucci (1992) e Todorov (1993).

Keywords: Amazon. Guyana. Wonderful. Walter Raleigh.

INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo investigar como o componente maravilhoso foi aplicado ao contexto dos relatos de viagem pela região que ficou conhecida como Amazônia. Para a produção deste artigo, a análise recaiu sobre a expedição comandada por Walter Raleigh em 1595. Com o financiamento do governo inglês, no pleno reino da Rainha Elizabeth I, a empreitada do explorador se destinava a procura do magnífico tesouro de Manoa, cidade lendária erguida na atual Guiana que, segundo contavam alguns espanhóis, após o descendente do imperador inca Guayna Capac ter conseguido fugir dos espanhóis, construiu essa cidade em algum lugar da imensa floresta. Os detalhes da sua trajetória são descritos na obra *A Descoberta do grande, belo e rico Império da Guiana* (2017).

A justificativa de realizar a investigação deve-se à ocorrência da Amazônia ser o cenário constante nos relatos dos viajantes. Seus rios, o labirinto verde, as aves exóticas, fauna com sua imensa diversidade, as comunidades indígenas com costumes estranhos à cultura ocidental pululavam na mente de viajantes europeus, como se pode verificar nos seus relatos. Esse universo até então desconhecido da Europa seduzia e vislumbrava os olhares dos europeus, principalmente nos primeiros séculos das descobertas territoriais ultramarinas. Dessa maneira, os viajantes teciam representações reais ou imaginárias sobre essa parte do globo.

A narrativa raleighana sobre sua busca por Manoa reporta aos primeiros relatos dos navegantes, aventureiros que cruzaram o Oceano Atlântico e ancoraram nos domínios tanto dos castelhanos quanto dos lusitanos. Diante disso, faz-se as seguintes perguntas: como a essa região foi representada pelo inglês Walter Raleigh? A descrição sobre a sua experiência no Mundus Novus, mais precisamente na floresta venezuelana era similar aos dos demais exploradores pelo fato do londrino ter em suas concepções resquícios de um mundo medieval? Ou sua narrativa se deve a ocorrência de ser um homem letrado e ter estabelecido contato com a produção escrita dos viajantes ao ‘Novo Mundo’ em especial a que hoje é chamada Amazônia?

Para tentar responder as indagações acerca da construção do maravilhoso sobre o referido território na obra de Walter Raleigh, foi realizado um trabalho de pesquisa a partir dos autores Irlemar Chiampi (2015), Guillermo Gucci (1992), Neide Gondin (2019), Tzvetan Todorov (1981), Tzvetan Todorov (1993), considerando que estes estudiosos trabalham com

as concepções acerca do insólito na literatura.

Para esta pesquisa contou-se também com algumas leituras de viajeiros cronistas que cruzaram o Atlântico e embrenharam-se na imensa floresta. Artigos e dissertações versando sobre o tema foram igualmente empregados como aporte teórico com objetivo de encontrar nas narrativas elementos que configurassem como imaginário maravilhoso.

1 UM SÉCULO DEPOIS DA DESCOBERTA DA AMÉRICA

A assinatura do Tratado de Tordesilhas de acordo com Gadelha (2002) “em 07 de junho de 1494, no século XV, entre as duas coroas católicas Espanha e Portugal” garantiu sobre as novas terras descobertas ou por descobrir além mar um alívio na tensão surgida entre os dois países, a partir da expansão territorial em decorrência das grandes viagens marítimas. Todavia, com o passar dos anos e séculos, ingleses, franceses e holandeses não receberam amistosamente o acordo realizado entre os reinos ibéricos e terminaram assim por não o respeitar, passando a reivindicar a posse também das terras além mar. Diante dessa postura iniciou-se um enfrentamento. Com a assinatura do Tratado de Tordesilhas, a Inglaterra, a França e a Holanda passaram a enviar às possessões portuguesas e espanholas do outro lado do Atlântico expedições militares, exploradoras e até mesmo colonizadoras, como forma de validar suas atividades marítimas e ampliar o domínio dos mares e dos territórios ultramarinos frente ao privilégio exclusivo luso-espanhol.

Outro meio encontrado de demonstrar o descontentamento foi a interceptação e a apropriação compulsória das cargas valiosas de ouro e prata transportadas pelos galeões, principalmente da América espanhola pelo Atlântico, recurso esse empregado pela prática da pirataria e pelos ataques dos corsários. Na Inglaterra os últimos eram protegidos do governo inglês, pois sua atividade era recompensada com a divisão do butim, além de serem agraciados com patentes militares e títulos de nobreza.

É neste contexto de disputas territoriais e marítimas com tentativas de estabelecer e fixar novas colônias na América, de conflitos políticos e militares entre as nações européias, de incursões com pirataria, do emprego dos corsários, de invasões às colônias dos reinos ibéricos no novo continente, que se destaca a figura do inglês Walter Raleigh (1552-1618). Sua história de aventureiro encontra-se inserida no segundo século após o início das grandes viagens marítimas e dos descobrimentos.

Nas palavras do tradutor da obra *A Descoberta do grande, belo e rico Império da Guiana* (2017, p.11) Hélio Rocha, o britânico Walter Raleigh, “foi mercador e estadista, pirata e corsário, soldado e marinheiro, escritor e poeta, cientista e homem das letras, atuou em quase todas as atividades públicas daquele período além de ser o favorito da rainha Elizabeth I”. Na sua história de vida constam duas prisões na Torre de Londres. De acordo com Rocha (2007, p.12-13). A primeira com “ordem da própria rainha, pois o londrino casou-se secretamente com sua dama de companhia.” E a segunda prisão, “[...] por ter sido acusado de conspiração e traição ao sucessor da rainha Elizabeth I, o rei Jaime I. [...] O explorador Raleigh permaneceu preso por 13 anos, de 1603 a 1616”. Com a promessa de retomar a busca pelo *El Dorado* foi liberto em 1616, para um novo empreendimento. Citando ainda Rocha (2007, p.15). “A expedição foi um fracasso, de volta à Inglaterra e à Torre de Londres por desobedecer às ordens da coroa britânica foi condenado à morte em 1618”.

Como aventureiro e explorador seu nome ganhou mais evidência na Inglaterra por se envolver na organização e no comando da primeira expedição inglesa ao território de Trinidad e da atual Guiana, expedição essa que seria realizada pelas terras do Novo Mundo, desafiando assim os domínios português e espanhol na América. Seu objetivo era encontrar Manoa, (*El Dorado*) uma cidade supostamente fabulosa de ouro.

De acordo com o seu relato, Raleigh (2017, p.25), “envia um de seus comandados, Jacob Whiddon, no ano anterior a sua partida para a Guiana, para realizar exploração e reunir todas as possíveis informações sobre a região”. De posse das informações coletadas por seu comandado, o aventureiro e explorador inglês partiu em seis de fevereiro do ano de 1595, com destino ao quarto continente com o objetivo de encontrar e se apossar de Manoa - a cidade de ouro.

Liderando um grupo de cem homens, lutou contra espanhóis, em particular com o seu desafeto, Don Antonio de Berrio, por ter matado, no ano anterior a sua viagem, os homens da tripulação do capitão Whiddon, o responsável por realizar as pesquisas sobre Manoa, e realizou acordos amistosos com os grupos indígenas, garantindo, assim, um auxílio na luta contra os castelhanos.

O britânico Raleigh, ao retornar a Londres no mesmo ano (1595), após passar um mês a procura da cidade dourada, publica uma obra, cujo título ficou conhecido como *The Discovery of Guiana*, repetindo uma prática comum entre viajantes europeus, frequentemente realizada pelo viajante ao regressar para seu país depois de aventurar-se pelas terras do Novo

Mundo. Salientando que quase todos os relatos acerca do quarto continente eram mergulhados em muita fantasia e exageros, em descrições equivocadas sobre a natureza e os habitantes naturais da América. Assim também a narrativa de Walter Raleigh manteve-se seguindo a mesma linha fantasiosa.

De acordo com Velloso (2016, p.61)

O maravilhoso tem um papel importante dentro do pensamento medieval, principalmente na baixa Idade Média e especialmente quando o homem começa a expandir os seus horizontes para além daquilo que se encontra à sua porta; assim está muitas vezes ligado ao exótico, ao horizonte, ao longínquo, ainda que tenhamos também o maravilhoso próximo, que podemos chamar de cotidiano, mas que causa sempre, como já vimos, uma sensação de fascínio.

Assim é que, com o propósito de expandir os horizontes e ultrapassar limites, o homem do século XVI, necessitava fazer o registro de seus feitos. As crônicas das viagens, em todo o seu processo de urdidura, são emaranhadas com os elementos da cultura medieval, como reflete Chiampi (2015, p. 99), “[...] os primeiros narradores recorriam à citação de autores gregos e latinos, à comparação com as coisas e imaginadas e, principalmente, à alusão aos relatos bíblicos, às lendas medievais e aos mitos clássicos. [...]”. Além disso, há nessas crônicas entrelaçamentos de aspectos culturais das culturas encontradas no dito Novo Mundo e a sua fauna e a flora são descritas hiperbolicamente; há homens sem cabeças, outros com os pés virados para trás, alguns que moram nos topos das árvores – como narra o próprio Raleigh – e assim por diante.

Na visão de Neide Gondim, em sua obra *A invenção da Amazônia*, (2019, p.13),

Nesse bojo inclui-se, ainda, a mitologia indiana que, a par de uma natureza variada delícia e apavora os homens medievais. A tal conjunto de maravilhas anexam-se as monstruosidades animais e corporais, incluídas tão somente enquanto oposição ao homem considerado como adâmica normal e habitante de um mundo delimitado por fronteiras orientadas por tradições religiosas.

Esse fascínio fica muito evidente com as grandes viagens ultramarinas, posto que os homens daquele período ao mesmo tempo partilhavam tanto da curiosidade quanto do medo em se lançar por águas tão desconhecidas. Ao chegarem ao seu destino, isto é, quando a viagem corria bem, desembarcavam com seu imaginário, o qual passava a se entrelaçar com as descrições das novas terras.

2 A NATUREZA MARAVILHOSA APRESENTADA NA EXPEDIÇÃO EM DIREÇÃO À CIDADE DE MANOA

Ao se lançar ao oceano em busca de um tesouro fabuloso, o europeu explorador findava tecendo sobre a região viajada observações imaginativas, fantasmagóricas e contemplativas. Quando da viagem de Raleigh, apesar de ter decorrido um século da chegada dos europeus à América, as descrições sobre essa área do Novo Mundo ainda eram acompanhadas de maravilhamento, encantamento, com cenários deslumbrantes. Esses elementos foram empregados para definir o diferente, o desconhecido, sobre os povos e seus modos de vida de além mar. O maravilhoso se impunha.

Segundo Todorov (1981, p.24), “O maravilhoso corresponde a um fenômeno desconhecido, ainda não visto, o por vir: por consequência, a um futuro”. Esta assertiva explica significativamente o comportamento europeu ao entrar em contato com lugares novos, pouco acessíveis, passando a emitir juízo não somente de deslumbramento, mas também de estranheza, pois para ele nada era familiar, sugerindo a intenção de invocar a veracidade sobre o que foi narrado. Como esclarece Guicci, (1992, p. 65), “O maravilhoso sustenta-se num sistema de oposições: reside na diferença, no contra-rio ao conhecido, no inaudito”. Essa dicotomia do real *versus* imaginário, verídico *versus* inverídico, além de construir as representações impressas por parte dos viajantes sobre a Amazônia, contribuiu cada vez mais com o discurso do exótico e do maravilhoso.

Ainda fazendo uma referência às narrativas maravilhosas na obra raleighana, é possível encontrar um maravilhoso denominado de hiperbólico. Na opinião de Todorov (1981, p.30), este ocorre quando “Os fenômenos são sobrenaturais só por suas dimensões, superiores às que nos resultam familiares.”

Na narrativa-descrição, Walter Raleigh conta sobre um peixe que era tão grande quanto um barril de vinho, o estrondo de uma catarata era como se mil sinos batessem uns contra os outros e o brilho dos diamantes se via à milhas de distância. O navegante termina acompanhando a mesma admiração de Colombo e passa a supervalorizar os fatos, igualmente o comandante genovês das naus Santa Maria, Pinta e Nina, que não evitava os superlativos, como aponta Todorov (1993, p.24), “As árvores eram ali tão viçosas que suas folhas deixavam de ser verdes e ficavam escuras de tanto verdejar”.

A saga de Raleigh ocorreu no território da atual Guiana, como dito anteriormente, localizada na imensa extensão territorial hoje denominada amazônica, no extremo norte da

América do Sul, tendo como fronteira ao sul o Brasil, a oeste a Venezuela, a Leste o Suriname e ao norte é banhada pelo Oceano Atlântico.

Motivo de cobiça, a floresta tropical foi transformada em objeto de conquista, de disputa, de guerra e de exploração pelos colonizadores europeus. De acordo com o relato de Raleigh (2017, p.25), as informações sobre o lugar já eram muito tempo conhecidas através da literatura de outros viajantes.

Sobre essa questão, Raleigh esclarece em sua narrativa que

Faz muitos anos que tomei conhecimento, através de um relato, da existência desse poderoso, rico e belo império da Guiana, e da cidade grande e dourada que os espanhóis chamam *El Dorado* e os nativos Manoa; uma cidade que foi conquistada, reedificada e engrandecida pelo filho caçula de Guayna Capac, imperador do Peru, na época em que Francisco Pizarro e outros conquistaram o dito império de seus irmãos mais velhos [...].

Através da exposição de suas informações é possível verificar a pretensão do inglês em realizar os mesmos feitos das descobertas auríferas conseguidas pelos espanhóis em período anterior, pois tais informações encontram-se no decorrer de sua narração. Assim, com o intuito de receber apoio da coroa britânica para uma segunda viagem às Guianas, Raleigh (2017, p.26) exagera o tamanho da riqueza existente nessa região guianense.

A província da Guiana tem mais ouro do que as melhores regiões das Índias ou do Peru. Constitui um novo campo e garantia de riquezas e glória do que as repetidas viagens às Índias ocidentais e proporciona uma maneira mais fácil de invadi-las que a rota marítima usada até agora [...].

A possível vultosa riqueza de Manoa encheria os cofres da Coroa Britânica. O explorador afirmava que o rei da Espanha não ficaria pobre havendo em terras além-mar mais cidades ricas. É importante lembrar que o *El Dorado* tão desejado pelo britânico pertencia ao domínio espanhol, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494. Portanto, qualquer tentativa de adentrar em possessões inimigas seria motivo para conflitos bélicos e as duas nações enfrentavam-se constantemente.

Tomado pela ambição de encontrar a cidade reluzente a ouro, o viajante explorador chega a Trinidad – colônia espanhola à época – e em embarcações pequenas, sem cobertura, deixam os navios em mar aberto e iniciam entrada na Guiana, serpenteando os rios da região e

com informações dos nativos até chegar ao grande Orinoco. Ao chegar à ilha de Trinidad e ao fazer um reconhecimento do local, o desbravador manifesta-se inicialmente encantado com as árvores cheias de ostras penduradas nos galhos. Assim, relata Raleigh (2017, p. 36).

Essas ostras cresciam nos galhos e não sobre a terra paisagens como aquela, de árvores com ostras em cachos, são vistas nas Índias Ocidentais e em outros lugares. Essa árvore é descrita por Andrew Thevet, em sua *France Antarctique*. Porém, ali as árvores com as ostras tinham forma diferente das descritas no dito livro e eram muito estranhas [...].

O frade franciscano citado foi integrante da expedição francesa de Villegagnon, que viajou ao Brasil também no século XVI, permanecendo na colônia portuguesa desde o final do ano de 1555, e início de 1556 e descreveu a mesma visão do inglês. Thevet (2018, p.182) discorre que:

A propósito do assunto, não esquecerei de contar um maravilhoso fato, digno de memória. Nas terras circunvizinhas ao rio Guanabara, próximas do mar, existem árvores e arbustos, de alto a baixo inteiramente cobertos e sobrecarregados de ostras. Como se sabe, quando sobe a maré, duas vezes no dia, a água avança de terra adentro, cobrindo a maior parte dessas plantas, principalmente as de menor elevação; e as ostras, pouco escorregadias, prendem -se- lhes em quantidade incrível, por entre os ramos [...].

O período entre as viagens dos dois navegantes é de quarenta anos, tempo suficiente para a publicação da viagem do religioso francês ter chegado às mãos do explorador inglês. Em seus escritos, Raleigh acrescenta mais informações sobre as ostras, assinalando o fato de não serem iguais às ostras descritas na obra do frade francês. Com isso, é possível observar que novas representações vão se acumulando sobre o espaço visitado, isto é, o Novo Mundo.

Retrocedendo mais alguns anos, para não mencionar um século, em uma de suas viagens às recentes terras descobertas, Colombo retrata a mesma visão de maravilhamento. De acordo com Todorov (1993, p.17-18), no relato de Colombo pode-se ler que “Próximo ao mar havia inúmeras ostras presas aos galhos das árvores que cresciam no mar, com a boca aberta para receber o orvalho que caí das folhas, esperando que caísse uma gota para dar origem às pérolas” [...]. Assim como o genovês, os dois navegadores (o francês e o inglês) se deslumbram com a cena cotidiana em meio à paisagem.

Outro momento de sedução do inglês é o discurso sobre a geografia de abundância e a visão paradisíaca ao retratar as margens de um rio de nome de Amana, onde navegava na expectativa de encontrar o tesouro lendário, Manoa. Nessa geografia maravilhosa, Raleigh

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 3, p. 6-22, 2021.

(2017, p.79) afirma que

Em ambas as margens daquele rio, passamos pela mais bela região que meus olhos já contemplaram, [...]. Ali contemplávamos planícies de vinte milhas de extensão, com uma relva baixa e verde e árvores dispostas de tal forma que pareciam ter sido trabalhadas com toda a arte e esmero do mundo. [...] víamos cervos pastando tranquilamente na beira do rio como se estivessem acostumados com o pastor. [...]. Vimos diversos tipos de peixes estranhos e espantosamente grandes.

No decurso de sua viagem mais uma exposição do maravilhoso ocorre, posto que descreve um cenário mágico. Para o viajante, era como se estivesse encontrado o paraíso em terras tão remotas e ignotas. Raleigh (2017, p.96) afirma que

Jamais tinha visto um país mais belo, ou uma terra promissora. [...], ao entardecer, nas árvores os pássaros cantavam melodias diversas e simultaneamente; diversos tipos de garças, azuis, brancas e carmesins empertigadas nas margens do rio; e cada pedra examinada nos prometia algo valioso, fosse ouro ou prata.

Como se pode inferir, ouro e prata cintilavam na mente dos exploradores. Assim, pode-se presumir que a escassez de metais preciosos na Europa foi um dos motivos da realização das grandes navegações. Desse modo, era preciso encontrar novas fontes fora do continente europeu e estimular a busca principalmente na África e Ásia, pois sobre o Oriente eram reportadas as notícias mais fantásticas, entre elas a existência de tesouros fabulosos. O próprio almirante genovês deixa isso bem pontuado ao se dirigir para as Índias anotando em seu diário em 1492, conforme palavras de Todorov (1993, p.8): “Estava atento e tratava de saber se havia ouro”. Chega o explorador, a clamar por ajuda divina, como era prática na época. Todorov (1993, p.8) cita ainda outro trecho do relato do genovês que confirma essa assertiva. “Que Nosso Senhor me ajude, em sua misericórdia, a descobrir este ouro”. Essa é a estrela que cintila na sua mente, aumentando, portanto, o apetite por ter acesso aos metais preciosos, especialmente quando ao velho mundo chegam informações a respeito de descobertas de ouro e prata pela coroa espanhola no Novo Mundo.

A desmedida caça a tesouros fabulosos não restringia somente a uma única nação europeia, pois o continente inteiro compartilhava do mesmo desejo. Entretanto, a idealização de encontrar riquezas não se limitava apenas ao ouro e prata. Também interessava ao descobridor ter acesso às pedras preciosas, pérolas, madeira, canela e outros recursos que a terra pudesse comercializar.

Giucci (1992, p.123) – já citado antes – reforça esse empenho:

Representação do remoto maravilhoso apóia-se tradicionalmente na imagem de uma natureza esplendorosa e abundante. Mas só de modo secundário, pois o que se afirma como central do quadro da desmesura é a presença de metais preciosos.

Essas atribuições de sentido calcadas sobre as novas terras, ao desconhecido, inventariadas de modo hiperbólico, em muitos aspectos, foram as responsáveis pela enxurrada de exploradores na travessia do Atlântico, como a historiografia não cessa de mostrar.

3 OUTROS FATOS MARAVILHOSOS SOBRE A AMAZÔNIA

Walter Raleigh registra em sua obra representações comumente citadas por outros exploradores da região amazônica. Entre elas, a mais conhecida, a fantástica história das Amazonas, as mulheres guerreiras. O viajante inglês afirma jamais ter visto tais mulheres, mas transfere para o nativo da floresta a incumbência da transmissão desse mito greco-romano. Todavia, como o navegante é um homem versado nas letras, faz referência às Amazonas tanto na África como na Ásia. Cita a existência das mulheres belicosas nos rios Tanais e Termodonte, sendo o primeiro localizado na Rússia e o segundo na Turquia. Segundo Oliveira (2016, p.23), “A primeira referência às Amazonas está na *Ilíada* de Homero, por volta do século VIII a. C.”.

Pelas informações acima fica claro que o deslumbramento acerca das lendárias Amazonas não surgiu na futura América e muito menos na “Amazônia”. Esses três discursos: Amazonas, América e Amazônia – são construções representacionais, são inventividades discursivas materializadas nos relatos de vários viajantes.

Quando os homens corajosos e destemidos em suas viagens ultramarinas cruzaram o oceano e navegaram por mares dantes não navegáveis, ao ancorarem em terras desconhecidas, trouxeram em suas mentes imaginativas as narrativas sobre as valentes guerreiras e as transportavam novamente para a Europa em suas publicações.

Retomando o frade francês Thevet (2018 p. 384-385), mostramos como esse religioso contribuiu com esse mito das Amazonas. Assim é que o viajante explica que

As amazonas americanas vivem em cabanazinhas, ou nas cavernas rochosas, alimentando-se de peixes e veações outras, assim como de algumas excelentes frutas produzidas em suas terras. Matam os filhos machos, assim

que nascem devolvendo-os a seus prováveis pais; quanto às meninas, guardam-nas consigo, justamente como faziam as antigas amazonas da Ásia. Ordinariamente guerreiam algumas outras nações e tratam com muita desumanidade os que caem em seu poder. Isto é, penduram-nos pelas pernas a um galho alto de árvore, onde os deixam por algum tempo; se, porém, quando tornam ao lugar do suplicio, os prisioneiros ainda estão, por acaso, vivos, atiram-lhes milhares de flechas. É verdade que não devoram os inimigos, como os demais selvagens, mas deitam-nos ao fogo, até eles fiquem reduzidos a cinzas. No combate, as amazonas avançam lançando horríveis e espantosos gritos. Isso para amedrontar os contrários.

O fascínio europeu prossegue alimentando o repertório de juízos estereotipados acerca dos habitantes da Guina. Raleigh registrou a existência de um povo com características estranhas; julgava ser verossímil a informação prestada pelo índio Topiawari sobre os Ewaipanoma. Além de serem fortes e poderosos, os Ewaipanoma eram incomuns, pois Raleigh afirma (2017, p.98) que, “[...] dizem que têm os olhos nos ombros, a boca no meio do peito e uma cabeleira longa que nasce atrás dos ombros [...] usavam arcos flechas e tacapes três vezes maiores do que os Guayanos”.

Sabe-se que a exposição de seres agigantados é remota. Na Grécia Antiga eles enfrentavam deuses, semideuses e heróis. Igualmente na Idade Média um elenco de criaturas curiosas permeava a imaginação do homem medieval: unicórnios, os blêmios – um ser acéfalo não tinha cabeça, que teria seu rosto completo no peitoral. Fazem parte desta lista os cinocéfalos, com corpo de homem e cabeça de cachorro, os Skiapodes, que tinham uma perna e um pé de tamanho gigante e ainda as sereias. Essas criaturas já permeavam o imaginário do homem desde a antiguidade.

Como pontua Velloso (2016, p.73), “[...] Heródoto afirmou que na Líbia existiam homens sem cabeça ou Acéfalos: “(...), pois na sua terra são achados ambos a monstruosa serpente e o leão e o elefante (...) e os homens sem cabeça com seus olhos em seus peitos”. E com os grandes descobrimentos marítimos o imaginário do mundo medievo foi transportado para que veio a ser denominada “América”. Portanto, o viajante londrino também se apoiou nas representações de seus predecessores e fez menção aos acéfalos – os Ewaipanoma, às Amazonas, etc.

Outra narrativa interessante na obra de Raleigh é a respeito das cerimônias festivas dos nativos das margens do Orinoco, rio em território da atual Venezuela. Segundo a descrição, os indígenas são festeiros e bebedores e nas festas mais solenes há um ritual no qual os nativos cobriam-se com ouro. De acordo com Raleigh (2017, p. 51):

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 3, p. 6-22, 2021.

Todos que foram convidados pelo imperador devem tirar a roupa e seus corpos são untados por toda parte com uma espécie de bálsamo branco chamado curcay, que existe em grande abundância e é muito valorizado por eles e considerado o mais precioso, como soubemos. Quando estão todos untados, alguns servos do imperador, tendo preparado uma porção de ouro em pó fino, sopram-no através de canudos em seus corpos nus, da cabeça aos pés. E assim, cobertos de ouro sentam-se para beber [...] por seis ou sete dias.

O explorador e buscador da cidade lendária registrava suas narrativas a partir de informações obtidas entre os habitantes da Guiana e de publicações de outros navegantes que o precederam nas viagens. Nos registros acima, durante a sua viagem, a qual teve a duração de um mês pela região, ele não encontrou nenhuma mulher Amazona e nenhum Ewaipanoma, e muito menos presenciou um nativo sendo banhado com ouro em pó, como mostra uma gravura que está no relato.

Conforme a parte sul do continente americano foi sendo visitada e explorada pelos formadores de fronteiras, novos elementos foram sendo incorporados aos relatos e realimentando o mito do *El Dorado*. Segundo a explicação mítica: a cerimônia ocorria apenas para marcar a coroação do novo líder; este se cobria de ouro em pó e depois mergulhava em um lago e seus súditos jogavam sobre ele ouro e pedras preciosas. Existe ainda a explicação apresentada por Langer (1997, p.28):

Logo depois, em 1534, Luiz de Daza encontrou no Equador um índio chamado Meuquetá (ou Muiziquitá), que se dirigia ao rei de Quito para solicitar ajuda na guerra contra os Chibcha. Ao descrever o seu país, referiu-se pela primeira vez ao cacique que se banhava com ouro em uma lagoa. Sebastião de Becalcázar (ou Benalcázar), o fundador de Quito, foi um dos iniciadores da busca ao mítico personagem. Para diferenciar este local de outras províncias espanholas, Becalcázar denominou-o de Província Del Dorado em 1534.

Os conquistadores espanhóis motivados a tomar posse de consideráveis riquezas foram construindo outras representações sobre a cerimônia indígena. Como informa Langer (1997, p.29), “Aos poucos, o Eldorado metamorfoseia-se no imaginário dos conquistadores, passando a designar primeiramente toda mina aurífera, posteriormente toda cidade e país inexplorado, no qual corria qualquer rumor de riqueza e mistério.”

Ao aportar e penetrar nesse novíssimo continente, o explorador dos mares encontra uma terra povoada, como inúmeras comunidades indígenas e com costumes completamente

diferentes dos praticados pelos europeus. Nas terras da Guiana, Raleigh teve contato com indígenas, os quais, segundo o londrino, prestariam auxílio na luta contra os espanhóis pela posse de Manoa.

4 A CONSTRUÇÃO IMAGINATIVA SOBRE O INDÍGENA E A AMAZÔNIA

Na narração de Raleigh, a princípio, a visão sobre os indígenas é de encantamento e admiração pela beleza física, prova-o o modo como retrata a característica da esposa de um cacique, conforme Raleigh (2017, p.85):

Confesso que em toda a minha vida, raramente tinha visto uma mulher tão bela. Era de boa estatura, olhos negros, corpo bem delineado, de excelente semblante. Sua vasta cabeleira ia quase a seus pés, numa trança longa. Parecia que não tinha medo de seu marido, como as demais, porque conversava e bebia com os cavalheiros e capitães mui agradavelmente, em pleno conhecimento de sua importância e beleza, e orgulhosa disso.

Colombo demonstra igual encantamento ao descrever os ‘índios’, batizados assim pelo navegador genovês durante a estadia nas novas terras em 1492. Em conformidade com Todorov (1993, p. 35), “Eram todos muito bem feitos, belíssimos de corpo e muito harmoniosos de rosto” (11.10.1492), “E todos de boa estatura, gente muito bonita” (13.10.1492), “Eram aqueles os mais belos homens e as mais belas mulheres que tinham encontrado até então” (16.12. 1492). Em dias diferentes outras impressões ficaram registradas no diário do descobridor, outras qualidades relativas ao fato de serem generosos, pacíficos, gente de bom coração, gente de razão, astutos e engenhosos.

A sabedoria e a honestidade entraram na lista de maravilhas. O inglês ressaltou essas duas características, apesar de o nativo não ser cristão. O indígena da nação Topiawari apresentava qualidades valorosas que não condiziam com o padrão cultural europeu, pois somente os cristãos eram capazes de possuírem tais qualidades. De acordo com Raleigh (2017, p.94), “Esse velho índio [...] é considerado o mais sábio e honesto de todos [...] e se comportou de tal maneira comigo [...] que me maravilhei com tanta seriedade e discernimento, ainda que nunca tivesse recebido nenhuma instrução formal, ou qualquer educação cristã.”

Entretanto, com o decorrer dos anos, o olhar sobre os nativos tomou novos rumos, novos caminhos, e, a partir de 1493, o nativo é incorporado ao processo colonial como súdito.

E de acordo com Giucci (1992, p. 133), “É integrado ao processo descobridor como súdito da Coroa e obrigado a trabalhar em benefício dos reis”.

No contato com os nativos da Guiana, Walter Raleigh, utilizando-se do discurso de que era o enviado da rainha Elizabeth para libertá-los de todo jugo opressor do reino castelhano, transforma os guayanos em súditos da monarquia inglesa. Segundo Raleigh (2017, p.41), “[...] Vossa Majestade é muito famosa e admirada e a quem eles chamam EZRABETA CASSIPUNA AQUEREWANA, que quer dizer Elizabeth, a Grande Princesa ou a Comandante Suprema”. Todavia, esse discurso era parte do plano para encontrar a cidade dourada. Primeiro o inglês conquistaria a confiança dos nativos e em seguida os levaria a lutar contra os espanhóis e ao lado dos ingleses. O plano só não foi colocado em prática naquele mesmo ano em função do período chuvoso e o número reduzido de homens. Mesmo contando com a ajuda indígena, a tripulação não conseguiria enfrentar o exército espanhol. Até a posse sobre Manoa seu desejo deveria ser mantido secretamente. Nas palavras de Raleigh (2017, p.105), os nativos “não sabem nada sobre nosso desejo de ouro, ou nosso propósito de invasão da Guiana”.

O viajante procurou incentivar o governo da rainha Elizabeth pelas possibilidades de um futuro colonial enumerando as imensas vantagens lucrativas a serem obtidas, quando a Inglaterra dominasse aquele território, até então sob poder da coroa castelhana. De acordo com Raleigh (2017, p.122),

[...] direi que a Guiana é uma terra virgem, pois nunca foi saqueada, explorada nem lavrada. O seu solo nunca foi queimado, nem a qualidade do solo e o húmus da terra foram desgastados com cultivo, as sepulturas dos nativos não foram violadas em busca de ouro. As suas minas não foram abertas, nem as imagens do templo foram derrubadas. Nunca foi penetrada por qualquer exército, conquistada ou possuída por qualquer príncipe cristão.

Era esse o real motivo da expedição de Raleigh: tomar posse de um território pertencente à outra nação. Não era um simples território, pois de acordo com suas aprofundadas pesquisas, a riqueza da região excederia a abundância do ouro encontrado no Peru e nas Índias Ocidentais, como já dito antes. Embora não tenha provado a existência da fabulosa opulência aurífera, o explorador recomenda a sua invasão e colonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo fato do europeu do século XVI, ainda viver em um mundo com o imaginário medieval, suas narrativas, nos primeiros séculos, referentes às grandes viagens ultramarinas são seguidas de fantasias, mistérios, seres monstruosos, animais gigantesco.

A apropriação desses elementos culturais de terras distantes levou à construção de um repertório de maravilhas, de imagens estereotipadas em abundância. Segundo Chiampi (2015, p.101), “Nomear a realidade como maravilha veio ser a solução para a tarefa contingente de sistematizar, de dar forma ao conjunto plural e informe de conteúdos recém-ingressado na História”. Em função da incorporação de tantos fatos alheios a realidade do Novo Mundo, a autora ainda pontua que houve uma invenção da América. Semelhantemente, Gondim na introdução de sua obra (2019, p.13) compartilha do mesmo pensamento, quando menciona a invenção da Amazônia fabricada a partir da construção da Índia e da historiografia grego-romana somada aos relatos dos viajantes.

Inúmeros fatores transformaram o que hoje chamamos ‘Amazônia’ em um mundo imaginário. Situada em terras desconhecidas, a ‘Amazônia’ é imaginada longínqua, com belezas singulares, natureza selvagem, repleta de mistérios, de um território edênico, exuberâncias naturais e, principalmente, de riquezas fabulosas encontradas em terras das lendárias Amazonas ou em Manoa, conhecida também por El Dorado.

O próprio Walter Raleigh, motivado pela cobiça, embrenha-se na região da Guiana floresta adentro, com o propósito de tomar posse da cidade dourada. Outros homens ambiciosos, como Ordas, Orellana, Ursua e Aguirre, tiveram o mesmo intento; todos esses espanhóis, trilharam por terras estranhas a serviço dos reis da Espanha ávidos por ganhos e benefícios. Mesmo no século XX, Percy Fawcett procurou Z, a cidade perdida e, se é que pode supor, seria o suposto El Dorado.

Essas ambições de riquezas incalculáveis não foram capazes de levar Walter Raleigh a concretizar seu sonho, como também de muitos outros europeus em terras do Novo Mundo. Como os demais hispânicos, a sua empreitada na Guiana não foi coroada com sucesso e, assim, mediante fracasso da expedição financiada pelo governo inglês, não apenas o enriquecimento rápido não ocorreu, como acarretou vários problemas de cunho diplomático entre os países e envolvidos nessa empreitada colonialista. Dessa forma, acreditamos que Raleigh procura então desviar o foco do seu fiasco incorporando em sua narrativa de viagem os aspectos do maravilhoso, recurso esse também muito utilizado pelo navegador genovês Cristóvão Colombo durante o século XV.

Segundo Gucci (1992), o suposto atrativo do maravilhoso no século XVI, não apresentava mais o mesmo papel atrativo das narrativas de viagens, mas é a linha escolhida por Raleigh para compensar sua malfadada caça em busca de metais preciosos. O viajante passa, então, a dar como resposta supostas garantias para o governo da rainha Elizabeth I, convencendo que este poderia ter esperanças em investir e colonizar terras virgens e não exploradas nas Guianas.

E assim, ao que se pode presumir, o discurso de Raleigh procurou mostrar, detalhadamente, um cenário permeado de representações do imaginário totalmente apoiado na exuberante terra fértil, rica em matéria prima, excedendo em muito as encontradas em outros países e nas Índias Ocidentais; uma abundância em toda espécie de animal, sem esquecer, é claro, de ressaltar o tesouro incalculável de Manoa, a cidade dourada.

REFERÊNCIAS

CHIAMPI, Irleamar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GADELHA, Regina Maria A. Fonseca. Conquista e ocupação da Amazônia: a fronteira Norte do Brasil. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a05.pdf>. Acesso em: 04 de jan. de 2021.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do Maravilhoso: O Novo Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LANGER, Johnni. O mito do eldorado: origem e significado no imaginário sul-americano (século XVI). **Revista de História**, v. 136, p.25-40, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18809/20872>. Acesso em: 04 jan. de 2021.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. **As amazonas no imaginário/iconográfico da Ibero-América no século XVI**. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourado, Dourados, p.134. 2016.

RALEIGH, Walter. **A Descoberta do Grande, Belo e Rico Império da Guiana**. Tradução de Hélio Rocha. São Carlos: Editora Scienza, 2017.

THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Tradução de Estevão Pinto. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: A Questão do Outro**. Tradução de Beatriz Perrone Moi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução a Literatura Fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.



VELLOSO, Leonardo Meliani. **Um Maravilhoso Imaginário:** a representação do maravilhoso na literatura de viagens e na cartografia medieval e renascentista. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.